

Cadeias de Gênero: desafios da constituição de uma tipologia adequada

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i2.3674>

Sergio Mikio Kobayashi¹

Resumo

Este trabalho aponta uma reflexão teórica sobre gêneros em cadeia e os desafios da constituição de um percurso teórico-metodológico adequado. Para isso, percorre um caminho teórico das noções de Gênero do Círculo de Bakhtin (2013, 2010) e das Práticas Discursivas da ACD (Fairclough, 2001, 2003, 2010), em diálogos com as noções de Cadeias de Gênero de Fairclough (2003), Swales (2004), Nobre e Biasi-Rodrigues (2012) e Araújo (2021). Como resultados, identificou-se a pertinência do estudo de textos interligados a partir da premissa da organização por gêneros, do aspecto cronológico que expande a rede e da dimensão social. Além disso, também conclui que a delimitação das Cadeias de Gênero é um processo metodológico do analista.

Palavras-chave: Cadeias de Gênero; redes de texto; gênero.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; kobayashisergio@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8987-2811>

Genre Chains: Challenges in Establishing an Appropriate Typology

Abstract

This article presents a theoretical reflection on chained genres and the challenges of establishing an appropriate theoretical-methodological framework. To this end, it follows a theoretical path from the notions of genre from the Bakhtin Circle (2013; 2010) and discursive practices from CDA (Fairclough, 2001, 2003, 2010), drawing on the notions of Genre Chains by Fairclough (2003), Swales (2004), Nobre and Biasi-Rodrigues (2012), and Araújo (2021). As a result, the relevance of studying interconnected texts based on the premise of organization by genres, the chronological aspect that expands the network, and the social dimension were identified. Additionally, it concludes that the delimitation of genre chains is a methodological process for the analyst.

Keywords: genre chains; text networks; genre.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo promover uma reflexão sobre os desafios de identificar os aspectos constitutivos das Cadeias de Gênero e de apontar um percurso teórico-metodológico de análise desse fenômeno. Parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, mobilizamos os conceitos de gênero e práticas discursivas, apontando um diálogo com trabalhos que buscaram refletir sobre os estudos de “textos interligados”².

Os aspectos relacionais entre enunciados, textos e outras semioses (terminologias que variam de acordo com a abordagem de cada vertente dos estudos discursivos), são muito utilizados pelos analistas que buscam depreender e evidenciar os sentidos. Do pensamento bakhtiniano, que concebe a língua em seu aspecto dialógico; passando pelo caráter histórico pêcheuxiano, até o materialismo histórico e dialético dos Estudos Críticos, o interesse do analista do discurso recai à busca dos sentidos.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise do Discurso Crítica, corrente à qual nos filiamos, compreende o discurso como um modo de ação social historicamente situado, em relação dialética com outros aspectos da vida em sociedade, de modo que, enquanto o discurso é socialmente formado, também através dele é possível transformar a realidade (Cf. Fairclough, 1992). Isso significa, portanto, que o aspecto relacional com a realidade é parte constitutiva do discurso, logo são estas relações que medeiam a vida e modulam a sociedade.

2 Apresentamos o conceito “textos interligados” de maneira ampla, pois refletem diversas abordagens teóricas e metodológicas.

A concepção da ACD faircloughiana, sobre gêneros do discurso baseia-se nos modos de agir que determinada sociedade, historicamente situada, utiliza para disputar a hegemonia (Fairclough, 2008). Dessa maneira, as diversas relações das práticas discursivas formam um campo de disputa por controle, haja vista que guardam traços de diferentes discursos e ideologias (Wodak, 2004).

Os gêneros, portanto, sejam eles compreendidos como tipos relativamente estáveis de enunciado (Bakhtin, 2003) ou mesmo por práticas discursivas por meio das quais as pessoas agem conjuntamente no mundo (Chouliaraki; Fairclough, 1999), configuram uma tipologia metodológica fundamental para observarmos, sincrônica e diacronicamente, o modo pelo qual os sentidos são construídos em nosso entorno. Isso significa, portanto, que a dimensão discursiva concebida a partir da organização dos enunciados em gêneros possibilitou um salto de qualidade fundamental nos estudos discursivos e, por conseguinte, na compreensão e análise da realidade sociossemiótica.

Não obstante, ainda que este olhar para a língua seja uma ferramenta primordial no fazer analítico dos sentidos, a necessidade do olhar para a flutuação hegemônica – bem como a luta de classes – impõe ao analista a dificuldade de correlacionar os gêneros que ora transmutam para outros gêneros, ora se chocam e estabelecem uma relação interseccional em sua constituição. Em outras palavras, quando o âmbito da análise dos sentidos ganha valor diacrônico e, sobretudo, quando se leva em consideração os diversos interesses das classes sociais em uma determinada série de textos, o procedimento teórico-metodológico adequado para esse tipo de investigação ainda carece de formulação sistemática.

É bem verdade que existem estudos muito qualificados sobre gêneros do discurso interligados, das mais diversas abordagens. Os próprios trabalhos de Fairclough e da ACD buscam trazer à tona a necessidade da investigação dessa relação entre gêneros, como as cadeias intertextuais (2001) ou Cadeias de Gênero (2003). No entanto, as propostas teórico-metodológicas ora se debruçam sobre a definição e não apontam para uma aplicação prática analítica de suas fundamentações, ora não elaboram um procedimento metodológico adequado para gêneros que se realizam em distintas esferas.

A análise discursiva monogenérica tem pouca produtividade em alguns ambientes, como o digital, e para analisar alguns gêneros, como o Meme Digital (Kobayashi, 2018). A construção de uma “nova realidade” interligada em rede e mediada pelos interesses capitalistas, políticos e corporativos das plataformas digitais, força o analista do discurso à reflexão e à análise de um conjunto de gêneros, tanto para compreender o sentido discursivo quanto para verificar movimentações hegemônicas e contra hegemônicas que impactam as práticas sociais. Não cremos, no entanto, que a única possibilidade de estudo de uma rede de enunciados seja os suportados por mídias digitais ou mediados por uma tela; pelo contrário, não foi o avanço tecnológico que possibilitou a interligação entre os gêneros, embora tenha sido responsável por sua complexificação.

Neste trabalho, pretendemos discutir algumas concepções destas redes de texto, em diálogo com suas respectivas propostas teórico-metodológicas, bem como a problemática de sua definição. Apresentaremos, portanto, nos itens subsequentes, um diálogo com as reflexões de dialogismo, enunciado e gênero do Círculo de Bakhtin; uma discussão com os conceitos de Gêneros em Cadeia de Fairclough, Swales e BIASI-Rodrigues; e uma reflexão sobre o conceito de “Constelação de Gêneros”, de Swales e Araújo, no que tange à terminologia e à aplicação desta formulação nos estudos de gêneros interligados.

1. Conceito de Gênero: conceitos fundamentais do Círculo de Bakhtin

São gigantescas as contribuições do Círculo de Bakhtin para os estudos discursivos; o olhar dialético (e dialógico) sobre a linguagem, assim como a perspectiva de enunciados organizados em gêneros, é a força motriz de muitas das pesquisas e debates científicos desta área. Bakhtin (2010) proporciona um salto de qualidade na compreensão da linguagem a partir da concepção de língua como uma manifestação viva e concreta. O autor defende que a relação dos enunciados não pode ser compreendida através de um sistema abstrato de signos linguísticos, dado que a língua reflete e refrata a realidade, como apontamos anteriormente.

Foi a partir deste modo de olhar os fenômenos linguísticos que os autores do Círculo desenvolveram o conceito de dialogismo. Bakhtin (1979 [1929]) advoga a partir da compreensão de os enunciados possuírem uma natureza dialógica com outros enunciados, isto é, cada enunciado construído se relaciona intrinsecamente e constitutivamente a outros enunciados; esses outros enunciados, por sua vez, também estão relacionados a outros, e assim por diante. A conceptualização do enunciado propriamente dito, na perspectiva do Círculo de Bakhtin (2010, p. 275), reside na “alternância entre os sujeitos do discurso [...], pela alternância dos falantes”. Isso significa que o que determina os limites do enunciado são os enunciados-resposta dos outros, bem como os enunciados a quem estabelece relação responsiva. O enunciado é, pois, resposta. Nas palavras do autor,

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos [...]. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados (Bakhtin, 2003, p. 299-300).

Essa perspectiva, portanto, coloca o enunciado em constante “diálogo” com outros no uso da língua e na construção dos sentidos, de modo que não se torna possível “inaugurar” uma determinada construção linguística à revelia daquilo que a antecedeu. Esta relação dialógica entre os enunciados possui uma fundamentação especialmente filosófica do ponto de vista da própria vida, que possui natureza dialógica, de acordo

com Bakhtin (2011, p. 348); o autor defende que o dialogismo “aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal”. Ademais, propõe que o enunciado é um elo em uma cadeia muito complexa de outros enunciados. Nesse sentido, caso fosse possível mapear todos os enunciados desde o início da humanidade, teríamos uma complexa rede (tecido) de enunciados interligados entre si, em maior ou menor grau, a partir de ligações mais ou menos explícitas e com diferentes distâncias entre si. Esta concepção de língua em rede nos permite vislumbrar as formas de organização destes enunciados, culminando na perspectiva de gêneros em cadeia.

Dessa forma, a compreensão dialógica de um enunciado permite levar em conta diversas relações que vão além dos limites da linguística e de abordagens estruturalistas que partem do pressuposto da linguagem enquanto um sistema fechado e/ou isolado (Kobayashi, 2018). As relações dialógicas, portanto, só existem quando determinada forma lógica e um dado conteúdo semântico concreto materializam-se em dois diferentes enunciados de dois sujeitos diferentes; assim, esta materialização passa a existir no discurso. No âmbito desta perspectiva dialógica é que o Círculo propõe a noção de enunciado concreto. Voloshinov (1987 [1926], p. 198 *apud* Souza Junior, 2002, p. 88) aponta que este “nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes do enunciado. Sua significação e sua forma são determinadas, essencialmente, pela forma e pelo caráter dessa interação”. Não é possível considerar, portanto, o enunciado como dissociado de um contexto interativo – um evento social – em que sua significação é constantemente negociada com outros interlocutores, vozes autorais, atores sociais etc.

A partir da caracterização apresentada até aqui, o Círculo também dá um passo no que diz respeito à organização dos enunciados: a proposição de gêneros do discurso. Bakhtin (2003, p. 262, grifo do autor) define os gêneros como “tipos *relativamente* estáveis de enunciados”, que surgem e se tornam complexos de acordo com cada campo da atividade humana. O autor defende que cada um destes campos tem propensão para desenvolver e organizar determinados tipos de enunciados, implicando na determinação e orientação dos gêneros de acordo com o uso em determinadas situações reais da vida. Tal qual o enunciado concreto, portanto, a noção de gêneros está calcada no contexto interativo social, isto é, “o enunciado concreto é, em relação aos enunciados anteriores, um enunciado típico da organização social da linguagem em gêneros do discurso de uma ou [de] outra esfera” (Souza, 2002, p. 103). Assim, é imprescindível conceber os gêneros do discurso através da alternância dos sujeitos que constituem o enunciado.

Bakhtin (2003) defende que os gêneros possuem um determinado conteúdo temático, uma construção composicional e estilos indissoluvelmente ligados no todo do enunciado, determinados pelas especificidades de cada esfera da atividade humana; isto é, os gêneros do discurso, a partir de seu uso em determinada esfera, constroem, ainda que relativamente, a maneira pela qual os enunciados são produzidos. Em outras palavras, são

os enunciados organizados a partir de seus traços constitutivos, em determinado campo da vida, que podem ser caracterizados enquanto gêneros. Isso significa que a noção de gênero do discurso não é arbitrária, dependente apenas da vontade de determinado sujeito; ela é historicamente situada, refletindo e refratando a vida.

Ainda que o círculo de Bakhtin não tenha organizado uma compreensão mais acurada sobre uma rede (ou cadeia) de gêneros, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, é possível observar que este “agrupamento” de gêneros que se relacionam entre si faz parte da própria concepção desenvolvida pelo Círculo, uma vez que, se tipos de enunciados relativamente estáveis formam gêneros do discurso e estes enunciados estão interligados em uma complexa rede discursiva, tão logo os gêneros possuem uma característica inteiramente dialógica também. Acrescenta-se, então, à perspectiva da rede de enunciados, mais uma dimensão organizativa: além das “ligações” existentes entre os nós desta rede, ainda há um agrupamento temático, composicional e estilístico.

Bakhtin (2011) também faz uma distinção entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos), associando aqueles ao “diálogo espontâneo”, e esses, ao “diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado” (Marchezan, 2006, p. 119), propondo que os de características complexas sejam oriundos dos de características primárias a partir do desenvolvimento social e cultural das sociedades e, em especial, da institucionalização dos discursos. Nessa perspectiva, Marchezan (2006, p. 119, *itálico da autora*) afirma que a distinção entre esses dois tipos de gênero, respectivamente, retoma “as duas maneiras de se considerar o diálogo [...]: em *stricto sensu*, o diálogo espontâneo e, com base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado”. Isso significa que à medida em que a sociedade se desenvolve e ganha contornos mais complexos nas relações estabelecidas entre os enunciados, os gêneros do discurso transmutam-se em novos gêneros que refletem e refratam um determinado nível de organização social.

Essa perspectiva é muito importante, pois ela acrescenta uma terceira dimensão à rede de enunciados: o aspecto cronológico do “simpósio universal”. Ora, se os gêneros se complexificam ao passo da evolução das relações humanas, tão logo é possível visualizar que a alternância dos sujeitos cria um lastro de tempo entre as relações dos enunciados: ainda que seja possível conjecturar os enunciados vindouros, é tanto impossível controlar toda a sua produção, bem como pouco provável a capacidade de prever sua totalidade. De modo análogo, um enunciado não pode responder a outro que não tenha sido produzido, assim como um antecedente não responde àquele que agora se produz. Isso não quer dizer, no entanto, que a relação dialógica entre os enunciados seja uma via de mão única, mas a produção temporal e as próprias relações estabelecidas entre os nós da rede forçam a complexificação e, portanto, a produção de novos gêneros.

Nesse sentido, para o cientista do discurso, o desafio não consiste em estabelecer uma proposição teórico-metodológica definitiva, que dê conta da totalidade da construção de sentidos na vida, mas observar cuidadosamente as características que envolvem uma determinada realidade e, assim, representar um percurso metodológico que permita analisar dados que tenham assento na realidade.

Ainda que esta seção não toque sequer a superfície do que significam as colaborações do Círculo de Bakhtin, os conceitos que nos ajudarão a trilhar os caminhos desta tese consistem nas três dimensões da rede de enunciados que depreendemos da teoria bakhtiniana. A retomar: 1. a própria existência de uma rede complexa de enunciados, 2. sua organização genérica (temática, composicional e estilística) e 3. seu aspecto cronológico. A seguir, consideramos outras abordagens para trazer mais elementos à rede de enunciados.

2. Formas de agir no mundo: a perspectiva da ACD

De maneira geral, a ACD não se debruça na caracterização de um conceito de enunciado ou de Gêneros do Discurso, tal qual fez o Círculo de Bakhtin, ainda que essas noções sejam fundamentais na compreensão da área. Especificamente o trabalho de Fairclough (2001, 2003, 2010 [1995]), que nos interessa na reflexão de gêneros em cadeia, dá passos no sentido de compreender os gêneros ancorados em uma rede de práticas, possibilitando a ampliação de nosso olhar para a rede de enunciados que elencamos anteriormente. Para que consigamos discutir esses aspectos, necessitamos retomar brevemente de onde vem a área e como se fundamenta.

A ACD enfoca a relação entre os elementos linguísticos e a representação discursiva da vida real, bem como seu impacto nas hegemonias discursivas e, portanto, ideológicas, tanto no que diz respeito à transformação quanto à manutenção destas hegemonias. Assim como a teoria do Círculo de Bakhtin, essa área de estudos não busca investigar ou desvelar os processos linguísticos isolados em um sistema arbitrário; pelo contrário, tem por objetivo estudar a dialética entre língua e sociedade no que diz respeito à produção e interpretação de sentido.

Os Estudos Críticos do Discurso enfocam o modo como as práticas discursivas modificam e consolidam as práticas sociais e, por conseguinte, a estrutura social, da mesma sorte que por elas são modificadas – estabelecendo, assim, uma relação dialética. As práticas são “modos rotinizados, ligados a espaços e tempos particulares, por meio dos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir conjuntamente no mundo” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 21). Os autores defendem que as práticas são constituídas através das estruturas sociais e por seus respectivos mecanismos de reprodução. Portanto, os gêneros do discurso são compreendidos como

prática social, isto é, enquanto formas de agir sociossemioticamente, e não como um fenômeno estritamente individual (Fairclough, 2001).


Nesse sentido, a ACD compreende a língua através de uma rede complexa de práticas sociais, nas quais os atores sociais negociam e constroem sentidos através da interação. Esses sentidos, para o campo de estudos, não são apenas alegóricos, metafóricos ou figurativos; são processos materiais que exercem coerção às estruturas sociais – ao passo que por elas também são constrangidos –, reforçando ou combatendo seus parâmetros. Em outras palavras, a língua é parte integrante da transformação social e das movimentações hegemônicas que geram efeitos na vida real.

No modelo tridimensional de Fairclough (2001), é possível considerar, concomitantemente, as análises linguísticas (plano textual), da produção e interpretação (plano discursivo), e das instituições e organizações de um evento comunicativo (plano social). Portanto, o texto é uma instância das práticas discursivas que, por sua vez, são momentos das práticas sociais. Isso quer dizer que a concepção da ACD faircloughiana é de que os diversos modos de agir conjuntamente no mundo – dentre eles, o plano discursivo – materializam-se em textos (enunciados), enquanto produto de tais práticas.

Em paralelo à perspectiva bakhtiniana, a ACD preocupa-se com a maneira pela qual a língua reflete, ao mesmo tempo que refrata a realidade. Uma vez que as estruturas sociais determinam as práticas e, dialeticamente, as práticas determinam – seja combatendo ou reforçando – as estruturas sociais, abre-se, de modo mais claro, uma arena em que se age frente ao mundo.

Nesse sentido, os enunciados e os gêneros do discurso devem ser compreendidos na perspectiva de uma ação social, haja vista que as diversas “vozes” que circulam pela rede de enunciados são “[cruciais] para a abordagem da linguagem como espaço de luta hegemônica” (Ramalho; Resende, 2006, p. 18). A ACD parte do pressuposto de que a linguagem é parte integrante do processo social material (Chouliaraki; Fairclough, 1999), portanto, estas formas de agir conjuntamente se manifestam através de enunciados, que são materializados em diferentes semioses, como a língua falada, escrita, pictórica, musical etc. Nesse sentido, defendem os autores, estes enunciados fazem parte de uma rede de práticas sociais e é por meio desta relação que se desenvolvem diversas formas de agir na sociedade.

A questão da hegemonia é algo fundamental para compreendermos a perspectiva dos Estudos Críticos e, conseqüentemente, das proposições de Fairclough. Em diálogo com as contribuições de Gramsci (1978), que aponta a disputa ideológica e cultural na luta política, a ideia de hegemonia faircloughiana não pressupõe constantes trocas na dominação existente, mas pontua que a hegemonia é uma liderança pontual, parcial e temporária, que uma das classes detém sobre as outras no âmbito político, ideológico,



cultural. Em outras palavras, ainda que a correlação de forças entre as classes não seja alterada substancialmente a partir das práticas sociais, é possível observar movimentações de hegemonia em determinados espaços temporais e em determinados campos da vida real.

A teoria faircloughiana contribui significativamente para os estudos discursivos à medida que o plano das práticas sociais é acrescentado à análise do discurso, uma vez que é possível trabalhar com a matriz social, as ordens e os efeitos ideológicos e políticos do discurso na luta por hegemonia. Conforme afirmamos, estamos diante do desafio de compreender a construção discursiva nas redes sociais, haja vista que o desenvolvimento das ferramentas digitais nos força a olhar para movimentações dialógicas cada vez mais complexas. A dimensão do sentido, para que seja estudada através de um olhar mais amplo, deve ir além do sentido de um gênero do discurso em si, mas compreendida através da relação dialética entre as estruturas e, sobretudo, as consequências ideológicas, políticas e materiais, dos modos rotinizados de agir.

Essa caracterização permite-nos adicionar novos elementos à concepção de rede de enunciados que buscamos desenvolver, isto é, uma rede de textos formada em sua relação com as práticas sociais, a partir da perspectiva que a ACD sistematiza a refração enunciativa da teoria bakhtiniana. Portanto, diferentemente de uma outra dimensão da rede de enunciados, como a relação dialógica e os aspectos cronológicos defendidos por nós anteriormente, a ACD nos leva a considerar nossa rede em relação dialética à outra: a rede de práticas.

A rede de enunciados possui uma relação indissociável com a rede de práticas, uma vez que é a partir de suas coerções – determinadas pela estrutura social – que os enunciados se organizam em gêneros e estabelecem suas relações dialógicas. Desta forma, para nós, o enunciado e o gênero do discurso são formas de agir sociossemioticamente sobre as significações da realidade, ao passo que as últimas organizam as primeiras, enquanto por elas sofrem influência.

3. Gêneros em cadeia

Até aqui buscamos apresentar uma conceptualização de gêneros do discurso e sua relação com a realidade de modo a construir uma perspectiva que nos ajude na visualização das relações entre as redes discursivas e sociais. Doravante apresentaremos criticamente alguns esforços de teorização e construção metodológica sobre este fenômeno discursivo.

Fairclough (2001) defende que a análise das práticas discursivas deve focar produção, distribuição, consumo e interpretação textual, uma vez que através deste olhar é possível

verificar a distribuição do discurso através de uma série de textos que o transforma; daí vem a proposição das “Cadeias de Gênero” (Cadeias Intertextuais) enquanto tema da distribuição. Isso significa que, ao olharmos para uma cadeia de gênero, podemos observar como um tipo de discurso se transforma à medida que é “distribuído” através dos gêneros e, conseqüentemente, transforma as práticas sociais.

Para o autor, as “Cadeias de Gênero” podem ser entendidas como “séries de tipos de texto que são transformacionalmente relacionadas umas às outras, no sentido de que cada membro das séries é transformado em um outro ou mais, de forma regular e previsível” (Fairclough, 2001, p. 166). Nesse sentido, o autor de antemão pondera que, embora possa ser presumível existir um interminável número de cadeias, o aspecto de previsibilidade e regularidade torna as cadeias reais numericamente limitadas, uma vez que, continua o autor, “as instituições e as práticas sociais são articuladas de modos particulares, e esse aspecto da estruturação social limita o desenvolvimento das cadeias intertextuais” (Fairclough, 2003, p. 167). Em outras palavras, os diversos gêneros possuem um tipo de relação regular e sistemática com outros, como, no exemplo do próprio autor, um discurso presidencial que alimenta gêneros jornalísticos dos mais diversos, análises de diplomatas, será reproduzido, parafraseado, e assim por diante. Em nosso entendimento, a regularidade e previsibilidade que Fairclough (2003) aponta vai mais no sentido de argumentar sobre as coerções estruturais, os limites das ações institucionais e dos suportes em que se materializam os textos do que propriamente uma forma de mensurar esta sistematicidade. Portanto, o conceito advoga mais em favor do conceito de enunciado concreto bakhtiniano, isto é, socialmente e historicamente localizado, constituído na interação real, em vez de uma perspectiva de sistema arbitrário de textos estáticos.

Nobre e Biasi-Rodrigues (2012) entendem desta teoria que, se não for considerada a passagem regular de um gênero para outro, o conceito torna-se inoperante, confundindo-se com o dialogismo bakhtiniano. Ainda que essa concepção faircloughiana de Cadeias de Gênero não aponte, necessariamente, para um processo metodológico de análise, o fato de tornar-se “inoperante” significa tornar-se impraticável, excluindo-se a perspectiva da regularidade. Em nosso entendimento, então, o que Fairclough aponta como cadeia nada mais é do que um recorte específico das diversas “conexões” existentes na rede de enunciados, orientada pela perspectiva funcional dos gêneros ali conformados. Ainda que não faça uma contraposição direta à perspectiva de Fairclough, defendem os autores que

[...] o fato de que em determinados gêneros já está prevista uma relação intrínseca com outros não impede que as inúmeras manifestações textuais desses gêneros efetivamente se interliguem a textos não previstos. Em outras palavras, a organização de determinados gêneros em uma cadeia não anula sua potencial relação com outros textos/gêneros – nem poderia, visto ser seu caráter dialógico constitutivo (Nobre; Biasi-Rodrigues, 2012, p. 214).

Convém ressaltar que a perspectiva faircloughiana compreende os gêneros como um padrão sociossemiótico interdiscursivo e parte integrante de uma determinada ordem do discurso. Esse caráter compreende o gênero enquanto um tipo e não como uma instância – a qual é a materialização textual (enunciativa) –, servindo à governança institucional e também como uma forma de exercitar a hegemonia, tanto no sentido de combate quanto de reafirmação, no seio das ordens dos discursos nas instituições. A inoperância do conceito que ponderam os autores se dá justamente na medida em que não se consideram as diversas coerções estruturais, institucionais e dos suportes que determinam estes tipos.

Outro linguista que se debruçou sobre o conceito de gêneros em cadeia foi John Swales (2004); o conceito “Cadeias de Gênero” do autor faz parte de uma tipologia de um conceito, para ele, mais amplo: “Constelação de Gêneros”, que trataremos a seguir. A despeito desta definição enquanto parte de outro conceito, Swales contribui com duas reflexões caras para nosso estudo: o aspecto cronológico e “hierárquico” dos gêneros em uma cadeia. Para o autor, um gênero é necessariamente antecedente do outro. Esta afirmação parte de sua análise sobre uma determinada produção acadêmica; nesse sentido, dentro de um domínio institucionalmente estrito, compreende-se bem esta perspectiva, haja vista que, por exemplo, uma chamada para publicações (gênero 1) vai gerar a entrega de resumos (gênero 2), que, por sua vez, receberão cartas de aceite ou de recusa (gênero 3), e assim por diante.

Embora esta perspectiva corrobore com conceptualização da rede de enunciados que estamos mobilizando, ponderamos que esta perspectiva cronológica é trivial, pois é imensurável. Explicamos: no âmbito de práticas altamente institucionalizadas, como o caso da produção científica, é fácil observarmos a cronologia entre os gêneros, contudo, a dinâmica constitutiva dos meios de comunicação digital e, em alguma medida, até mesmo os gêneros primários, podem ocorrer de maneira simultânea ou mesmo imensurável (Kobayashi, 2018).

A conformação de Cadeias de Gênero em ambiente digital, por exemplo, impossibilita a mensuração material de toda a cadeia: no processo científico; por outro lado, é possível verificar todas as etapas em sua totalidade, enquanto as redes sociais digitais possuem uma infinidade de produções de determinado gênero. Este conceito cronológico, nos parece, está mais relacionado à constituição de uma rede de enunciados e seu desenvolvimento como um todo do que propriamente aplicável aos gêneros.

Quanto à hierarquia dos gêneros, embora Swales (2004) a constitua como um tipo de “constelação”, parece ser esse um aspecto que perpassa toda a tipologia do autor, como bem observado por Araújo (2021), incluindo a própria definição de Cadeias de Gênero. O autor estadunidense afirma que existe um “gênero principal” na cadeia de gêneros, portanto há uma escala de importância entre os tipos de texto. Desta perspectiva Araújo

(2021) discorda, uma vez que os gêneros não podem ser lidos enquanto coadjuvantes de um gênero principal. Nobre e Biasi-Rodrigues (2012, p. 218) também se distanciam de tal posição, pois assumem que:

[...] cada gênero de uma cadeia é dependente do seu precedente e indispensável ao consequente, de modo que a não realização isolada de um gênero poderá acarretar a não realização integral de uma cadeia e assim causar interrupções numa prática sócio-historicamente estabilizada.

Aqui divergimos parcialmente das três ponderações. Ainda que concordemos com o desacordo sobre o nível de importância de um determinado gênero, acreditamos não ser possível horizontalizar o impacto, força e relevância de um determinado gênero na cadeia. No entanto, a escala de importância de um determinado gênero também é definida pelo percurso metodológico, isto é, além das características do gênero, também o olhar enviesado do analista acaba por selecionar um gênero principal. Por exemplo, caso o interesse de uma pesquisa esteja voltado para o impacto nas redes sociais de um pronunciamento presidencial, o foco da análise será voltado para os gêneros digitais, ainda que se faça importante a análise do pronunciamento e que foi através dele que o ponto principal pôde existir. Além disso, a perspectiva de Swales (2004) pode ser justificada para os casos institucionalizados, tão logo um determinado gênero “inaugura” uma cadeia, como o caso de uma chamada para publicações em periódico científico; quando a comunidade discursiva é mais heterogênea. Esse nível de importância entre os gêneros, no que diz respeito à hierarquia, parece ser definido pelo recorte metodológico propriamente dito.

Portanto, a concepção de dependência entre os gêneros que defendem os autores parece estar mais próxima da concepção do dialogismo bakhtiniano do que parte constitutiva de uma cadeia de gênero. Defendemos, então, que a escolha de um “nó central” (gênero principal) da cadeia é um aspecto metodológico e não constitutivo, isto é, o gênero torna-se mais relevante à medida que o foco da análise recai sobre ele. Deste modo, um gênero passa a ser principal ou coadjuvante na medida em que direcionamos metodologicamente o interesse de nossa investigação.

Por fim, em diálogo com os dois autores citados, Nobre e Biasi-Rodrigues (2012) buscam avançar no olhar teórico sobre tais cadeias, distinguindo-as entre “simples” e “complexas” através do âmbito institucional de que fazem parte. As Cadeias de Gênero que são produzidas em um determinado campo institucional, tal qual a cadeia de gêneros acadêmicos que propôs Swales, são as consideradas simples, pois obedecem a uma lógica funcional em que se estabelecem normas para que as práticas de uma determinada ordem do discurso funcionem bem. Já as cadeias complexas são (ou tornam-se) constituídas quando as práticas discursivas de um domínio institucional se associam às práticas de outros. Em outras palavras, defendem os autores, nas cadeias complexas

“verifica-se que o propósito do gênero que origina a complexificação é redimensionado” (Nobre; Biasi-Rodrigues, 2012, p. 226). A complexificação de uma cadeia, portanto, ocorre à medida em que se ultrapassa a esfera de um determinado gênero.

Nessa perspectiva, toda cadeia de gêneros é simples *a priori* e se complexifica através das práticas discursivas de domínios institucionais que mantenham uma relação intercontextual com o seu lugar institucional. Contudo, conforme demonstra Kobayashi (2018), o gênero Meme digital, por exemplo, só pode ser compreendido constitutivamente enquanto parte integrante de uma cadeia complexa. Isso significa que não há possibilidade de este gênero estar inserido em uma cadeia simples, exceto em uma perspectiva “meta-memética”, ainda que o gênero a que se refere necessariamente encontra-se em outro domínio institucional.

Nesse sentido, ainda que discordemos de que as cadeias complexas sejam necessariamente cadeias simples que passaram por um processo de complexificação, concordamos com Nobre e Biasi-Rodrigues (2012) quando, a partir dos apontamentos de Fairclough (2001), defendem que a motivação para a complexificação de uma cadeia simples (ou a existência de uma cadeia complexa) é dada pelas relações de poder e lutas hegemônicas. Isso quer dizer que à medida que a luta de classes busca por transformação hegemônica, as práticas discursivas mobilizam gêneros do discurso de domínios diferentes para constituir força através da ressignificação discursiva. Acrescentamos a tal perspectiva que a “complexificação” das Cadeias de Gênero abrem espaço para a luta por hegemonia e poder (seja rompendo, construindo ou mantendo) dentro da rede de enunciados, em uma relação dialética.

Ainda que seja possível construir diversos paralelos entre as teorias sobre as Cadeias de Gênero e, em alguma medida, possam complementar-se em um olhar teórico sobre este fenômeno discursivo, nenhum destes autores apresenta, ao certo, uma metodologia de análise dessas cadeias. Fairclough (2012) nos apresenta um método de pesquisa social científica que busca orientar os estudos discursivos de maneira “transdisciplinar”, embora não seja uma sistematização de um percurso que dê cabo de analisar Cadeias de Gênero propriamente ditas. Deste modo, passaremos a dialogar com outra conceptualização de gêneros interligados: a “constelação de gêneros”, que apresenta uma proposição metodológica para este fenômeno.

3.1. Constelação de Gêneros

Embora tenhamos afirmado que o conceito de “Cadeias de Gênero”, para Swales (2004), esteja inserido dentro da chamada “Constelação de Gêneros”, preferimos dialogar sobre esta noção em um subitem da seção que versa sobre as cadeias porque, ao contrário do autor, 1. não acreditamos que as cadeias estejam contidas na chamada constelação; e 2. nos aproveitaremos das contribuições metodológicas propostas por Araújo (2021) sobre o conceito.

Swales (2004) utiliza a terminologia “Constelação de Gêneros” para descrever um agrupamento de Gêneros. Araújo (2021, p. 25) defende que este conceito, “em analogia com a astronomia, denota um conjunto de gêneros discursivos que formam um todo coerente, ligados por características comuns, porém com funções sociais distintas”. O linguista estadunidense divide as constelações de gênero a partir de quatro características, das quais os agrupamentos de textos ocorrem: hierarquia, cadeia, grupo e rede. Os dois primeiros foram pontuados por nós na seção anterior: o agrupamento por hierarquia diz respeito às maneiras que a comunidade discursiva privilegia determinados gêneros, enquanto as ligações em cadeia estão associadas à cronologia dos gêneros, uma vez que um é sempre precedido de outro. Já o agrupamento por grupos, com a licença da redundância, é demonstrado pelo autor como um conjunto de gêneros que se amplifica e progride em um determinado contexto de prática social; um exemplo do autor são os trabalhos em um curso de graduação, que podem desenvolver-se em artigos de pesquisa, pôsteres, dissertações e teses. Por fim, as redes de gêneros são agrupamentos de gêneros que, a partir da interdiscursividade, transformam-se e reelaboram-se em outros: é o caso de uma palestra que se transforma em livro; apresentações que se transformam em artigos de pesquisa e assim por diante.

Araújo (2021) tece críticas quanto à proposta tipológica de Swales: quanto à hierarquia, defende ser um aspecto que perpassa tanto as Cadeias de Gênero quanto os grupos, de modo que parece não haver necessariamente um tipo que organize a constelação hierarquicamente; sobre os “Grupos”, defende o autor que Swales recai em uma explicação tautológica, uma vez que a “compreensão, cada vez mais matizada por parte dos usuários, dos gêneros que as compõem também é condição *sine qua non* para suas existências” (Araújo, 2021 p. 48); por fim, também pondera nas redes de gêneros haver cadeias que a compõem.

Embora concordemos, em partes, com as críticas de Araújo ao trabalho de Swales, a chave de leitura feita pelo brasileiro tem alguns limites. De fato, o linguista norte-americano, além de não estabelecer uma definição clara do que considera constelação de gêneros (Araújo, 2021) apresenta uma tipologia controversa que, além de dar conta apenas de gêneros ligados à universidade e à produção científica, não estabelece exatamente tipos. Justamente por isso, nossa compreensão é que Swales, ainda que não apresente assim em sua obra, na realidade não estabeleceu uma tipologia, mas um conjunto de características constitutivas daquilo que chama de constelação. Comparando o percurso teórico que estamos construindo até aqui, é possível identificarmos algumas semelhanças de nossa rede de enunciados às proposições swalianas.

Com relação às Cadeias de Gênero, o aspecto cronológico – ainda que trivial – é parte constitutiva de uma rede de enunciados, tal qual afirmamos anteriormente. Assim, este conceito, que diz respeito à forma que determinados gêneros suscitam outros, orienta-se no sentido do dialogismo constitutivo do enunciado e parece estabelecer relação

com a proposição de Nobre e Biasi-Rodrigues (2012) sobre cadeias primárias, haja vista que, nesta característica da constelação, a partir do exemplo de Swales, os gêneros que suscitam estão dentro da mesma esfera ou domínio institucional.

No que diz respeito aos grupos, embora pareça uma caracterização tautológica, a progressão em que os discursos atravessam gêneros (note-se que, nessa caracterização, não se criam novos gêneros), parece apresentar um tipo de familiaridade ou, por assim dizer, grupos de gêneros. Ora, esta característica parece ser um traço deixado pela formação destes, uma vez que, enquanto as atividades humanas vão complexificando-se, os gêneros criados certamente terão proximidade enunciativa uns com os outros, aproximando-se de nossa reflexão sobre a organização genérica na rede de enunciados.

Do ponto de vista das Redes, o conceito está relacionado à complexificação inerente ao processo cronológico dos gêneros, conforme a própria concepção do Círculo de Bakhtin. Isso significa, então, que à medida em que a evolução da comunicação humana vai ganhando contornos e necessidades mais visíveis, os gêneros do discurso passam por um processo de transmutação (Araújo, 2021) para outros gêneros.

Por fim, o agrupamento por hierarquia talvez seja uma das dimensões que mais pode ser relevante para nossa reflexão. Swales (2004) defende que as comunidades linguísticas privilegiam alguns tipos de gênero em detrimento dos demais; novamente, em domínios institucionais mais coercitivos – como a Universidade –, de fato é possível verificar com clareza quais são os gêneros mais “privilegiados”; no entanto, quando a comunidade discursiva é mais heterogênea, os contornos dos gêneros “mais importantes” tornam-se menos visíveis. Por exemplo, as eleições brasileiras de 2018, que elegeram Jair Bolsonaro Presidente da República, tiveram as redes sociais (sobretudo o WhatsApp) como espaços preferidos de obtenção de informações sobre os candidatos (Schaefer *et al.*, 2019) em detrimento das “mídias” mais tradicionais, como a televisão, rádio e os próprios *sites* de notícias. Isso significa, então, que as práticas sociais, naquele determinado momento, constituíram uma nova hierarquia nos gêneros daquele domínio institucional.

Desta forma, é possível afirmar que a “força” de um determinado conjunto de enunciados têm mais relevância a partir da configuração da rede de práticas, paralela à rede de enunciados, no sentido de sua articulação interna e levando em consideração as diversas comunidades discursivas presentes no plano. Portanto, isso não significa que em determinado momento as redes sociais tomaram o papel da grande mídia, mas, para alguns grupos específicos, a perda de credibilidade deste meio fez migrar a comunidade para outra ecologia midiática. Nesta proposta de hierarquia, conforme afirmamos na seção anterior, a forma de observar como a comunidade discursiva “elege” suas práticas discursivas prioritárias baseia-se no recorte metodológico, cronológico e histórico que o analista faz.

Em uma abordagem que propõe expandir a noção de “Constelação de Gêneros”, Araújo (2021) aponta um percurso teórico que retoma as contribuições de Bhatia ([1997] 2001), Marcuschi (2001) e do próprio Swales (2004), dialogando também com o conceito de “Romance Polifônico” de Bakhtin (2000 [1953]). Do conceito de constelação de gêneros destes autores, Araújo diverge, além do que já apresentamos sobre sua leitura de Swales, do conceito de propósito comunicativo dos gêneros, enquanto fator aglutinador na constelação, justamente por ser esta a forma de distinguir um gênero de outro. Desta forma, defende o autor,


[...] não é por um único propósito comunicativo geral que se organiza uma constelação de gêneros, mas por um conjunto distintivo deles e por outros traços que os assemelham como oriundos da esfera de comunicação em que se ambientam a constelação e os rastros deixados pelo processo formativo de seus gêneros (Araújo, 2021, p. 61).

Figura 1. Teia dos propósitos comunicativos da constelação dos *chats*



Fonte: Araújo (2006, p. 298)

A figura 1 apresenta os gêneros interligados em contato com seus propósitos comunicativos; é uma caracterização bem próxima à relação de paralelismo que defendemos entre a rede de enunciados e a rede de práticas, tendo em vista que os diferentes modos de agir possuem uma relação extremamente próxima a diversos eventos sociais, transformando-os e modulando-se por eles. Por fim, além de corroborar com o argumento de uma constelação possuir mais de um propósito comunicativo, a figura também demonstra que a noção de constelação de gêneros defendida pelo autor, em suas próprias palavras, é correlata à perspectiva de gêneros pertencentes à mesma família, ao exemplo do gênero carta, suscitando a carta pessoal, carta admissional, dentre outros.



Esta dimensão nos ajuda na medida em que conseguimos aplicar à nossa rede de enunciados a perspectiva de agrupamentos dos gêneros por famílias, isto é, os enunciados agrupam-se através de características e propósitos comunicativos – ainda que distintos – similares. Convém afirmarmos, entretanto, que embora concordemos com este ponto de vista teórico, acreditamos ser a terminologia “Família de Gêneros” mais adequada do que “Constelação de Gêneros” para exemplificar este fenômeno da rede de enunciados.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos discutir formas de apontar para caminhos de conceptualizar as Cadeias de Gênero, desde sua composição até algumas possíveis relações entre gêneros. Além disso, discutimos algumas hipóteses sobre as relações ontológicas contidas nas cadeias, de modo a subsidiar uma perspectiva mais aprofundada em nossa tese de doutorado. De nossos objetivos, conseguimos avançar no sentido de revisitar os conceitos de gêneros do discurso e de Cadeias de Gêneros, de modo a apontar para os limites que nos desafiam a compreender o nível de sentido a partir da relação estabelecida por enunciados.

Desta forma, pudemos apontar uma noção de rede de textos que partem de algumas premissas: a pertinência da organização em gêneros do discurso; o agrupamento temático, composicional e estilístico; o aspecto cronológico que expande a rede; e a dimensão social, isto é, a maneira com a qual a rede de enunciados (e de gêneros) liga-se às práticas sociais. Também verificamos a pertinência da organização “familiar” de gêneros pelo seu propósito enunciativo, o que pode sugerir uma forma metodológica de estabelecer o que são as Cadeias de Gênero.

A organização desses textos em gêneros permite ao analista fazer um recorte a depender de seus objetivos e, assim, delimitar uma cadeia. Em outras palavras, em uma rede complexa, que possui uma infinidade de relações entre textos, os tipos, isto é, os gêneros, podem desempenhar diversas relações entre si; é o olhar do analista, a partir de seu objetivo, que estabelece as fronteiras de uma cadeia.

Na continuidade desta pesquisa, portanto, reforçaremos alguns aspectos teórico-metodológicos, tais como outras abordagens da ACD e os trabalhos que desenvolvem a noção de gêneros interligados. Além disso, também será necessário refletir sobre categorias de análise que nos ajudarão a dar passos na tipologia de cadeias e, além disso, constituir de fato um procedimento metodológico que dê conta de analisar tais fenômenos.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução direta do Russo por: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BHATIA, V. K. Applied Genre Analysis: Analytical Advances and Pedagogical Procedures. *In*: JOHNS, A. M. (org.). **Genre in the Classroom: Multiple Perspectives**. Mahwah: Lea, 2001.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**. Rethink Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. Harlow: Longman, 2010 [1995].

FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. *In*: PEDRO, E. R. (org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 77-104.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. Análise Crítica do Discurso como Método em Pesquisa Social Científica. Tradução Iran Ferreira. **Linha D'água**, Revistas USP, 2012.

GRAMSCI, A. **Obras escolhidas**. Tradução Manuel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

KOBAYASHI, S. M. **Entre o meme e a campanha:** representação e ação na cultura digital. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/D.8.2019.tde-28022019-133545.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. *In*: FELTES, H. P. de M. (org.). **Produção de sentido:** estudos transdisciplinares. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

NOBRE, K. C.; BIASI-RODRIGUES, B. Sobre Cadeias de Gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 213-230, 2012.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

SCHAEFER, B. M. *et al.* Qual o impacto do Whatsapp em eleições? Uma revisão sistemática (2010-2019). **Revista Debates**, v. 13, n. 3, p. 58-88, 2019.

SOUZA JUNIOR, J. de. Memes da Internet e a Produtividade Funcional: um argumento sistêmico-funcional e crítico-discursivo para a propagação dos fenômenos. **Texto Livre:** Linguagem e Tecnologia: Periódicos UFMG, v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16647>. Acesso em: 08 ago. 2017.

SWALES, J. M. **Research genres:** explorations and applications. New York: Cambridge University Press, 2004.